

A história da Matemática

Hélia Correia

Ao J.M. Borges, meu colega de estudos,
excelente matemático

Parece que esta coisa começou quando aos pastores lhes deu para marcar no cajado uns golpezinhos que queriam dizer: cada um, uma ovelha. Podia ser carneiro ou borreguinho, porque os golpes não tinham indicação do sexo nem sequer da idade do animal em causa. Esse é o primeiro defeito da matemática: não leva em conta as diferenças individuais ou, para falar melhor, as idiossincrasias. Este colectivismo anda fora de moda.

O tal sistema dos golpezinhos eternizou-se, quer entre os pistoleiros do oeste americano que marcavam assim os seus assassinatos nas coronhas das armas, quer entre os taberneiros, como toda a gente sabe, ou, se não sabe, viu nos filmes realistas. Em qualquer uma destas circunstâncias, os tracinhos lá sofrem de abstracção em excesso. Pois quando uma pistola tem dez marcas não se fica a saber quem foram afinal os dez desgraçadinhos; e quando o quadrozinho da taberna está cheio de riscos inclinados não informa do estado moral, civil ou biológico de cada devedor, podendo ser que um deva por preguiça, outro por vício, outro por acudir à conta da farmácia ou por não conseguir livrar-se a tempo de um vendedor da história da civilização.

Nisto das matemáticas há também uma coisa esquisita que é o ábaco, que costuma aparecer nas palavras cruzadas. É uma espécie de moldura rectangular com uns arames ao longo dos quais deslizam bolinhas. Aquilo era dantes muito usado para fazer as contas, não me perguntem como. Também existe o «abacisco» que é um ábaco pequenino, e «abacista» que é a pessoa que trabalha com o ábaco. São tudo palavras da mesma família, mas «abacate» não é e «Abecassis» também não.

Bom. Então inventaram-se os números romanos que são aqueles com que a gente faz as adivinhas com os fósforos quando ainda alguém se lembra de como é. Desconfio que não foram os Romanos quem inventou aquilo — as criaturas não eram cerebralmente nada por aí além; parece que inventaram as pontes de pedra com os arcos, mas isso era para as tropas não caírem aos rios com aquele peso todo que levavam em cima — mas, enfim, os Romanos é que mandaram nisto durante muito tempo, e quem manda aproveita para dar boa impressão a falar de cultura e a mostrar que sabe e que se interessa muito por escolas, institutos, prémios Nobel, Pessoa, e essas coisas assim. E então os Romanos, por causa da «imagem», toca de se abotoar com os tais números.

Eis senão quando, estavam muito sossegados — e isto para não falar dos Godos todos que não interessam para

esta história — vêm os Mouros por aí acima. Traziam muitas coisas engraçadas: as noras, o Averróis, o Avicena, as canções à Janita Salomé e uns números assim muito arredondadinhos, cheios de arabescos, claro, percebe-se a alusão.

Deus põe, Alá dispõe e Deus repõe — e vá com muita sorte que nem o Indra nem o Manitu se tenham envolvido na querela, senão teria sido muito mais complicado — e o saldo final foi um empate. Ficámos com os números dos Árabes e as letras dos Romanos. E devemos é dar-nos por felizes porque, se o acordo se fizesse de modo inverso e tivéssemos de aprender a escrever árabe logo de pequeninos na instrução primária — e é que é de trás para a frente e tudo às curvas —, o mundo ocidental estaria a esta hora ainda mais exausto e mais confuso.

Lá ficámos então com os números árabes. E dos números romanos restam as datas nas igrejas, nas fontes e nos outros monumentos. Mas até isso vai passar de moda porque ninguém está para ter um trabalhão a juntar aqueles VVV e aqueles palitinhos quando pode ler muito mais depressa uma data em árabe e ir andando para tratar da sua vida.

Ora bem: depois disto vieram uns intelectuais. Eu digo «Depois disto» por dizer, porque me dá ideia que os intelectuais vêm sempre depois de qualquer coisa, e é uma maneira de disfarçar um bocadinho porque não sei exactamente quando é que se lembraram de pôr letras em lugar de números. (Está-me cá a parecer que os velhos Gregos já tiveram que ver com o assunto, mas como eles tiveram que ver com tudo, passa-se à frente porque não tem graça). E ora sendo o número já em si uma ideia tão vaga que, como atrás se viu, não nos explica nada — nem a cor da ovelha nem o seu estado de saúde; nem a idade, a aparência e a profissão do assassinado no oeste; nem o modo de vida, a opção política e os desgostos de amor de um freguês de taberna — ainda por cima foram arranjar as letras que podem representar um número qualquer. De onde se conclui que o «a» pode ser tudo; e o «x», então — o tal famoso «x» que é quem se quer dar sempre arcs de mistério — assim que lhe resolvem alguma equação, salta logo para outra porque supõe que só lhe fica bem andar incógnito.

Isto, já sem falar dos números negativos que o professor explicava com o desmoralizador exemplo dos rebuçados, dando-me a entender que, se eu tinha comido os cinco rebuçados do meu vizinho e só lhe tinha dado dois

em paga, estava com três rebuçados negativos no bolso, o que era angustiante para uma criança que ainda por cima detestava rebuçados. E os números pares? E os números primos? E o mágico 3,14 que se chamava Pi e se escrevia π , e parecia saído de uma história chinesa com o seu ar de quiosque misteriosamente emboscado entre os quartos de círculo e os diâmetros? E as chavetas? E os parêntesis rectos? E o menos por menos que dá mais, como se fosse uma lição moral ou um enigma da metafísica?

A sério, tive o grande privilégio de adorar tudo isto. Na minha turma fazíamos campeonatos de matemática. Gostávamos do jogo, do desafio mental, como noutros momentos gostávamos de ser bandidos, ou espíões, ou o que quer que fosse que transformasse a vida numa coisa interessante: uma aventura, um segredo, um problema de álgebra.

Se eu tivesse que fazer uma redacção sobre o assunto, começaria assim: «Eu gosto muito da matemática. A matemática é a maneira de a gente compreender que é capaz de compreender. Eu, se não soubesse contar, ficava muito triste porque não sabia quantos gatos tinha. Eu da matemática só sei até aos logaritmos porque quando se chegava aí tinha de se ir para Ciências. E eu queria ir para Letras. E o que eu acho que está mal é que em Letras não se ensine matemática. Porque ficava tudo mais completo. E assim acaba a minha redacção».

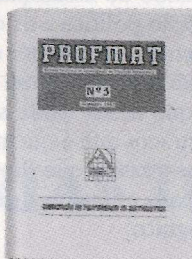
Hélia Correia

Nota da redacção: *O Separar das Águas, O Número dos Vivos, Vila Celeste e Montedemo*, são alguns dos títulos saídos da pena de Hélia Correia, um dos mais destacados nomes da literatura portuguesa actual. Para além de escritora, Hélia Correia é, também, companheira de percurso, como professora do 2.º grupo do Ensino Preparatório.

Publicações APM

- *Agenda para a Acção* — Recomendações para o Ensino da Matemática nos anos 80
 - 4.ª Edição, Fevereiro 1988: 58 pp.; preço: 150\$00
- *O Computador na Aula de Matemática* — Eduardo Veloso
 - 1.ª Edição, Agosto 1987: 73 pp.; preço: 250\$00
- *Cronologia Recente do Ensino da Matemática* — por José Manuel Matos
 - 2.ª Edição, Agosto 1986: 83 pp.; preço: 200\$00
- *A Matemática na Vida das Abelhas* — Ana Luísa Teles, Ana Vieira, Aniss Ali e Fátima Antunes
 - 1.ª Edição, Julho 1987: 80 pp.; preço: 250\$00
- *PROFMAT n.º 3*
 - 1.ª Edição, Setembro 1987: 188 pp.; preço: 400\$00
- *Educação e Matemática*, ainda disponíveis exemplares dos números 2, 3, 4 e 5. Preço de cada número: 200\$00

Estas publicações podem ser obtidas pelo correio, utilizando a ficha da página 32.



Dedicado ao Encontro realizado em Bragança em Setembro de 1987, o n.º 3 da *Revista Profmat* inclui os textos referentes a grande parte das comunicações e sessões práticas. Contém ainda uma tradução do importante texto do ICMI intitulado «A Matemática escolar nos anos 90».

